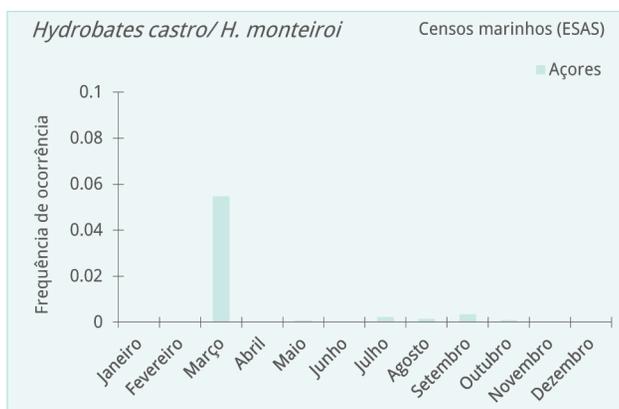




Continente - Reprodutor de inverno
 Madeira - Reprodutor de verão e de inverno
 Açores - Reprodutor de inverno



ECOLOGIA E HABITAT - Esta espécie tem um comportamento marcadamente pelágico (del Hoyo *et al.* 1992). A sua dieta é composta por crustáceos planctónicos, pequenos peixes e cefalópodes, podendo tirar partido dos restos deixados por outros predadores e das rejeições da pesca (del Hoyo *et al.* 1992; Monteiro *et al.* 1996b). Nidifica em pequenas cavidades

ou em fendas nas rochas em ilhas e ilhéus sem predadores, ou em cavidades de escarpas inacessíveis, onde predadores terrestres introduzidos estão presentes (as gaivotas também são predadoras).

AMEAÇAS E CONSERVAÇÃO - A nível global, apesar do

Hydrobates castro

ROQUE-DE-CASTRO

BAND-RUMPED STORM-PETREL

DISTRIBUIÇÃO, MOVIMENTOS E FENOLOGIA

O roque-de-castro distribui-se pelos oceanos Atlântico e Pacífico. Em Portugal, nidifica nos arquipélagos das Berlengas, dos Açores e da Madeira (Equipa Atlas 2008). Existem duas populações com características morfológicas, períodos reprodutivos e vocalizações bastante distintas (Monteiro *et al.* 1999; Nunes 2000; Robb *et al.* 2008). A nidificação da população de verão foi confirmada apenas no arquipélago da Madeira, em praticamente todas as ilhas e ilhéus (Nunes 2000; Equipa Atlas 2013). A população de inverno é maior, conhecendo-se colónias no Farilhão Grande (Berlengas), nas ilhas e nos ilhéus da Madeira (incluindo o ilhéu do Farol, o Porto Santo, as Desertas e as Selvagens; Equipa Atlas 2013), e dos Açores (Santa Maria, Graciosa, São Jorge, São Miguel, Flores e Corvo), embora nas últimas três ilhas a confirmação da nidificação tenha sido baseada em escutas noturnas (Monteiro *et al.* 1999; Equipa Atlas 2008). A população de verão reproduz-se de março a outubro, ao passo que a de inverno nidifica entre setembro e fevereiro (Granadeiro *et al.* 1998a; Nunes 2000). Esta espécie ocorre nas nossas águas ao longo do ano, não tendo, contudo, sido registada nos Açores, no verão. Neste arquipélago, ocorre também o painho-de-monteiro, e a dificuldade na distinção entre as duas espécies, em voo, leva-nos a assumir que os mapas produzidos possam incluir registos de ambas. Apesar de ocorrer em toda a ZEE, o número muito reduzido de observações a partir de terra (Cтры *et al.* 2010a) leva a crer que esta ave não se aproxima muito da costa.

ABUNDÂNCIA E EVOLUÇÃO POPULACIONAL

No Continente, a nidificação do roque-de-castro está confinada ao Farilhão Grande. Aqui a população foi estimada em cerca de 200 a 400 casais em 1995 (Granadeiro *et al.* 1998a), e em 102 a 210 casais em 2012 (Oliveira *et al.* 2013), sugerindo um decréscimo que, na realidade, poder-se-á dever a diferenças metodológicas. A nidificação desta espécie noutros ilhéus das Berlengas é provável, continuando ainda por explorar. Nos Açores, as estimativas existentes sugerem uma população reprodutora de inverno de 665 a 740 casais (Monteiro *et al.* 1999), com suspeitas de estar em declínio. De notar, que todas estas estimativas têm uma margem de erro considerável, tendo em conta a dificuldade em recensear a espécie. Não existem estimativas precisas do tamanho das populações reprodutoras no arquipélago da Madeira.

grande tamanho da população e da extensa área de distribuição, a espécie parece estar em declínio (BirdLife International 2014). As principais ameaças identificadas em Portugal são a presença/introdução de predadores, o aumento da pressão por parte de predadores naturais e a perturbação humana (del Hoyo *et al.* 1992; Matias & Cтры 2010).

